
Mudanças do Quadro Previsão do Tempo do Jornal Nacional¹

Juliana Turra Zanatta²
Nadja Hartmann³

Universidade de Passo Fundo – UPF

Resumo

O novo formato chegou em 2015 com o intuito de transformar o tradicional formato do jornalismo de TV. De uma forma mais leve, a previsão do tempo passou a ser mais atraente, utilitária e significativa aos olhos dos telespectadores. Neste estudo evolutivo, busca-se compreender as mudanças ocorridas nos últimos cinco anos no quadro da previsão do tempo do Jornal Nacional. Mudanças estas relacionadas ao estilo, formato e linguagem audiovisual. A metodologia aplicada consiste nos modos de endereçamento, tendo como operadores de análise, o mediador e o contexto comunicativo.

Palavras-chave

Jornal Nacional; Linguagem; Previsão do Tempo; Telejornalismo.

Introdução

O objetivo principal deste estudo é entender as mudanças ocorridas nos últimos cinco anos no quadro da previsão do tempo do Jornal Nacional e quais os motivos que levaram o quadro a ingressar em um novo formato.

O estudo conceitua a nova fase da TV e linguagem telejornalística, através das obras de autores como Curado (2002), Bistane e Bacellar (2014), Bucci (1997), Squirra (1993) e Maciel (1995). Os gêneros presentes no telejornalismo, através dos conceitos de autores como Machado (2000), Aronchi (2004), Souza (2004). Sobre jornalismo especializado, meteorologia no jornalismo, Jornal Nacional e o quadro da previsão do tempo no JN, os referenciais buscados, foram de autores como Pereira (2015), Gomes (2011) e Bueno (2015).

O quadro da previsão do tempo do Jornal Nacional do dia 07 de julho de 2015, foi escolhido em data aleatória, mas que representa um marco nas mudanças de linguagem e audiovisuais recorrentes do quadro.

¹ Expocom Intercom Sul 2017, na categoria: Rádio, TV e Internet, item: produção Audiovisual para mídias digitais (avulso ou seriado).

² Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Jornalismo da FAC-UPF, email: zanattaju@hotmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da FAC-UPF, email: nhartmann@upf.br

Linguagem telejornalística

Rezende (2000) define a linguagem como “o pressuposto da existência da dimensão humana. É pela linguagem que o homem transcende a sua solidão e descobre o outro [...]. O conceito de oralidade, por sua vez, está intimamente associado à antítese do escrito e do falado” (Rezende 2000, p. 54). No telejornalismo, o autor identifica mediante sua análise, que a linguagem oral é mais compatível em televisão, do que a linguagem escrita. O fato se dá devido à expectativa criada pelo ouvinte/telespectador, que é voltada para a linguagem oral, e outras características como suas repetições, autocorreções, hesitações, dentre outras características que são típicas da linguagem falada (Rezende, 2000, p. 58 *apud* Pretti, 1991, p. 234)

Maciel (1995) explica que “muitos estudiosos da linguagem de televisão e profissionais experientes costumam dizer que, diante do telespectador, temos de nos comportar como se estivéssemos contando notícias do dia para um parente ou amigo” (Maciel, 1995, p. 22). Nesse caso, o coloquialismo possibilita que as frases sejam curtas, simples, diretas, objetivas, mas sem esquecer que precisam ter uma ideia a ser contada a cada ponto.

“A linguagem falada sempre é mais eficaz e atinge com mais facilidade as pessoas. Quanto mais à linguagem escrita se aproxima da linguagem falada maior será a possibilidade de entendimento.” Maciel (1995, p. 26), acreditava que de um modo geral, o jornalismo do rádio e da televisão, utilizam um padrão de coloquialidade para se comunicar melhor com seu. Segundo ele, o jornalista necessita saber bem sobre o assunto que vai para que possa sempre transmitir a informação claramente, sem que hajam dúvidas.

Gêneros Televisivos

Machado (2000) explica que ao longo da história do telejornal, ele foi construído para ser apresentado em forma de depoimentos de sujeitos ligados ao acontecimento diretamente ou indiretamente. Em virtude desse fato é que tornou-se indispensável a presença da televisão (equipe de repórter e cinegrafista) no local onde o fato estaria acontecendo ou que há pouco aconteceu, isto não apenas para a emissora ser tida como fonte confiável, mas também porque essa é condição essencial no processo de expressão.

Muitos formatos de TV têm surgido nos últimos anos, fato que Aronchi (2004), chama de “explosão”. Todos os dias são registrados canais que substituem a programação que não teve grandes números de audiência, por uma diferente, mais interessante. Esse fenômeno faz com que a concorrência entre os formatos seja cada vez mais forte. Segundo o autor, o formato de um programa pode ser apresentado de maneira combinada, ou seja, vários gêneros podem juntar-se e assim emergir o surgimento de outros programas.

Nesse contexto, o jornalismo possui caráter de universalidade, pois abrange fatos diversos, de todos os assuntos. Vaz *apud* Melo (2003) define essa característica explicando que quanto mais abrangente seja um jornal em áreas editoriais, mais força corporativa ele terá. “Desde o início das atividades permanentes de informação sobre a atualidade (processo livre, contínuo, regular), colocou-se a distinção entre as modalidades de relato dos acontecimentos” (Vaz *apud* Melo, 2003). Marques de Melo (1980) define como informativo e opinativo os gêneros jornalísticos, sendo o informativo composto pelos formatos: nota, notícia, reportagem e entrevista. Já o opinativo, pelos formatos: editorial, comentário, artigo, resenha, crônica, caricatura e carta. Mas em recente revisão, o autor amplia essa classificação, acrescentando mais três gêneros: interpretativo, utilitário e diversional.

Jornalismo Especializado

Devido ao aumento disparado de veículos impressos, rádio, televisão, revistas, jornais na web, a sociedade passou a exigir que as informações fossem qualificadas e completas. Na era da informação, ganha quem noticiar além do básico; é preciso desdobrar o assunto. Devido à tamanha exigência nas informações é que surgiu o Jornalismo Especializado, onde profissionais dedicam à sua produção e análise concentrados em determinado campo específico, seja da ciência ou da tecnologia. Para Wilson da Costa Bueno (2015) Jornalismo Especializado:

Representa a consolidação de um processo vertiginoso de segmentação, que articula conteúdos e audiências, mediado pela produção e circulação de discursos intrinsecamente associados a jargões, termos técnico-científicos, neologismos e conceitos compartilhados pelos diversos campos de conhecimento. (BUENO, 2015, p. 280)

O jornalismo especializado abriu caminho para o campo científico ser explorado amplamente em várias áreas do jornalismo. No caso do quadro da previsão do tempo, objeto desta pesquisa, observa-se como o campo da meteorologia adquiriu um amplo espaço na divulgação de informações e matérias sobre clima e tempo nos telejornais.

A meteorologia no telejornalismo

É fato que desde os anos de 1980, os telejornais brasileiros, em especial o Jornal Nacional, exibem a previsão do tempo. No início, era apresentada apenas em nota, como prestação de serviço. Mais tarde, a evolução da tecnologia possibilitou que novos equipamentos fossem utilizados para que as informações meteorológicas fossem informadas com mais precisão e profundidade.

Mas “foi a partir dos anos 90 que a meteorologia passou a ter mais importância no conteúdo dos telejornais em várias emissoras do mundo” (Morais e Reis *apud* Tourinho, 2010, p. 4). Acontece que as mudanças climáticas estão se tornando um dos principais assuntos deste século, isto porque os impactos ambientais estão acontecendo mais vezes e em grande escala, afetando a sociedade em diferentes áreas.

Com o aumento dos desastres naturais e de variações climáticas fora da normalidade entre as estações, é possível notar o quanto temas ligados às consequências do tempo vem preenchendo tempos consideráveis em matérias sobre tempestades, enchentes, secas, mortes por raios, furações, queimadas, desmatamentos, etc. Na maioria dos casos, são reportagens que abrem a edição do dia e são marcadas pelas anomalias climáticas e presença de vítimas feridas ou fatais. (ZUZA e JESUS, 2009, p. 7)

Segundo Morais e Reis *apud* Beltrão (2010), a meteorologia é abordada no telejornalismo como uma forma de satisfazer o interesse coletivo. Desde o início do telejornalismo, a previsão do tempo, era apresentada de maneira bem específica, sendo uma nota. Graças a tecnologia, as possibilidades de apresentação do quadro da previsão do tempo, foi se aperfeiçoando. Com a ajuda de equipamentos tecnológicos, as informações sobre clima e tempo puderam ser aprofundadas. Hoje em dia, é possível até prever desastres sísmicos.

Conforme Morais e Reis *apud* Tourinho (2010), a previsão do tempo passou a fazer parte dos conteúdos apresentados nos telejornais no início dos anos de 1990.

Segundo Wilson Bueno (2009), o jornalismo científico, aqui no Brasil, está ligado propriamente com a evolução da indústria de comunicação.

O crescimento da cobertura meteorológica na imprensa apresentou um grande crescimento, principalmente nos primeiros anos do século XXI. Justamente por isso, “é preciso observar que as informações sobre o tempo são essenciais para a sociedade desde o princípio do jornalismo. A divulgação regular da previsão do tempo na imprensa começou em 1879, em jornais impressos europeus” (Zuza e Jesus, 2009, p. 5).

O Jornal Nacional

Conforme William Bonner (2009), o Jornal Nacional é um programa jornalístico de televisão. Justamente por ser jornalístico, apresenta temas que os jornais impressos, programas de rádio, sites de notícias e revistas, também costumam tratar.

Por ser um programa de televisão, procura apresentar esses temas com uma linguagem apropriada ao veículo: com um texto claro, para ser compreendido e ouvido uma única vez, ilustrado por imagens que despertem o interesse do público por eles – mesmo que não sejam temas de apelo popular imediato. (BONNER, 2009, p. 13)

Nascido em 1º setembro de 1969, o Jornal Nacional da Rede Globo, era o único telejornal brasileiro a ser transmitido para seis capitais do Brasil. “Os objetivos reais que motivaram a iniciativa ligavam-se a interesses políticos e mercadológicos. Além de possuir um noticiário que lhe desse prestígio, a TV Globo queria competir com o *Repórter Esso*, da TV Tupi” (Rezende, 2000, p. 108). O apresentador escolhido para o Jornal Nacional foi Cid Moreira, que já vinha com anos de experiência, muitos deles com destaque no *Jornal de Vanguarda*.

Meados de 1996, a Central Globo de Jornalismo, agora comandada por Evandro Carlos Andrade, substituiu os apresentadores do Jornal Nacional, Cid Moreira e Sérgio Chapelin. Os novos apresentadores foram William Bonner, que está na bancada do JN até o presente momento, e Lilian Witte Fibe. Segundo Rezende (2000), essas mudanças de apresentadores e de cenário ocorreram em todos os programas jornalísticos da emissora. Em 1998, Lilian Witte Fibe deixa a bancada do JN e Fátima Bernardes assume o posto.

Em dezembro de 2011, após 14 anos de bancada, juntamente com William Bonner, Fátima Bernardes deixa o JN para dedicar-se a um novo projeto: o programa *Encontro com Fátima Bernardes*. O lugar de Fátima foi assumido pela jornalista Patrícia Poeta que três anos depois foi substituída pela jornalista Renata Vasconcellos. Renata e Bonner continuam até o presente momento na bancada do Jornal Nacional.

A nova face do jornalismo no Jornal Nacional

Durante anos o telejornalismo da TV Globo foi se aperfeiçoando. Atualmente, o telejornal que tem 45 minutos de tempo de duração, ocupa cerca de 20% da grade de programação da emissora, segundo estudo da jornalista Ingrid Borges Duarte Pereira (2015), sendo o Jornal Nacional, exibido a partir das 20h30, com cerca de 1h20min de tempo. O ano de 2015 foi de grandes mudanças para o jornalismo da Rede Globo, em especial ao do Jornal Nacional. O telejornal foi reformulado. O cenário ficou mais moderno, os apresentadores passaram a se levantar da bancada, previsão do tempo passou a ser ao vivo, mais conversada e explicativa, com uma linguagem que se aproximava ainda mais do telespectador. Essa informalidade permitiu aos apresentadores a inclusão de comentários pessoais sobre as matérias. Em um levantamento da *Controle da Concorrência*, o Jornal Nacional aumentou intensamente a interatividade. Em uma avaliação realizada em abril de 2015, poucos dias depois da reformulação do JN, mostrou que 34%, o equivalente a 17min46seg dos 53min de duração do jornal, foram dedicados a exclusivamente para a interatividade entre âncoras e repórteres.

Conforme o estudo de Pereira (2015), o editor-chefe adjunto do JN, Fernando Castro, afirmou em entrevista que a mudança trouxe mais informalidade ao telejornal, mudança essa que também pode ser notada no próprio cenário. A forma com que os conteúdos são apresentados, as conversas entre Willian Bonner e Maria Júlia Coutinho, apresentadora do quadro da Previsão do Tempo, são um exemplo dessa mudança.

Quando você é informal, corre o risco até de ofender alguém. Então não pode ser informal demais. Esse limite, o quanto você faz, é exatamente o que a gente está fazendo agora, tentando ser o mais natural possível para que a gente introduza os assuntos, dê as notícias, forneça as informações de uma forma mais natural possível. Até acho que a palavra “natural” seja até melhor do que a palavra “informal” e é um desafio diário nosso. Ele ainda ressalta que a mudança em nada

altera a essência do noticiário. “O Jornal Nacional continua sendo um produto jornalístico. (Pereira *apud* Castro, 2015, p. 58)

Segundo Castro, vários estudos foram feitos antes da mudança, envolvendo vários departamentos. Grande parte desta mudança também foi atribuída à Internet, devido a grande quantidade de informações que são divulgadas na rede e a facilidade com que se pode manter informado.

A crescente oferta de conteúdos acabou por tornar o público televisivo mais fragmentado. Além disso, conforme Moreira *apud* Lotz (2016), a TV a cabo trouxe a programação voltada para nichos de interesse, fator ainda mais enfatizado com a chegada da internet. Nesse contexto, a indústria televisiva vive um momento de oferta de conteúdos tidos “sob demanda”, que possibilitam ao telespectador optar por assistir aos programas a qualquer momento, sem necessitar seguir uma grade de programação, sejam os programas de entretenimento ou de informações, noticiários, jornais, etc.

Outro fato notável aos olhos dos telespectadores são as intervenções gráficas que estão mais presentes neste novo formato, seja nas matérias ou na própria bancada. O fato se consome com o objetivo de tornar o JN mais contemporâneo. Outra mudança foi à valorização da arte na bancada do telejornal, onde ao fundo é possível notar a presença de um telão, no qual são exibidas imagens em alta resolução. Conforme Pereira (2015)

Antes, ao ler a cabeça de uma matéria sobre a Operação Lava-Jato, por exemplo, não havia nada atrás de Renata Vasconcellos que indicasse o assunto [...]. No novo formato, só pela imagem já sabemos que a reportagem trata da Operação Lava-Jato. A arte com dinheiro escorrendo pelo duto tornou-se característica em matérias sobre o esquema de corrupção da Petrobrás. (PEREIRA, 2015, p. 74-75)

A forma com que os âncoras apresentam o JN, também mudou. Conforme Pereira (2015) neste novo formato, os apresentadores tem mais liberdade para caminhar pelo cenário. Na própria previsão do tempo ou nos links com os repórteres, eles se levantam e vão em direção ao telão, conforme veremos no próximo subtítulo.

O quadro da previsão do tempo no Jornal Nacional

O Quadro da Previsão do Tempo do Jornal Nacional começou a ser exibido na década de 1980, inicialmente como uma nota de serviço. Em 1991, foi apresentado pela jornalista Sandra Annenberg. O quadro era produzido em São Paulo e gerado para o Rio

de Janeiro por volta das 19h. Na época, a previsão do tempo seguia um padrão diferente do atual.

Eles achavam que assim eu dividiria a atenção com o mapa. Como o mapa era a grande estrela, eu tinha que levar o público até ele e, para isso, eu dava as costas para o telespectador. Eu falava para os meus chefes: ‘Eu não posso dar as costas para o telespectador. Eu sempre aprendi que você tem que falar de frente para as pessoas’. Mas eles achavam que não, que eu tinha que levar o público até o mapa e mostrar onde estavam as coisas. Então assim, foi” (PEREIRA *apud* MEMÓRIA GLOBO, 2015, p. 60)

Antes, a previsão do tempo era exibida logo após uma notícia relacionada com o comportamento do tempo em algum lugar, por exemplo, se a presença de temporais devastou plantações. Rodava então, uma vinheta⁴ com o logotipo indicando que a previsão do tempo iria começar. Hoje é o próprio âncora⁵ do JN anuncia o momento da previsão. Ele se levanta e vai em direção a tela conversar, ao vivo, com Maria Júlia Coutinho.

Ao longo do tempo, o Quadro que passou várias alterações, foi se aperfeiçoando conforme a exigência de seus telespectadores, amplificando sua cobertura ligada à meteorologia. Acabou ganhando um destaque maior, ficando inclusive, mais descontraído com a apresentadora Maria Júlia Coutinho.⁶ “Esbanjando carisma, a garota do tempo, que está na TV Globo desde agosto de 2007, fala de maneira simples e está quase sempre sorrindo”, conforme Pereira (2015, p. 52).

Maria Júlia Coutinho acabou criando uma identidade própria. Inventou termos para os acontecimentos meteorológicos como “chuvica”, menino danado para o El Niño e menina levada para a La Niña, para poder assim tornar mais interessante e mais bem explicados os assuntos sobre meteorologia. Em novembro de 2016, a Jornalista lançou seu próprio livro: “Entrando no Clima” que, com a ajuda de especialistas, esclarece conceitos e os explica aos telespectadores.

⁴ Vinheta: As vinhetas [...], são projetos de *design* que compreendem imagem em movimento e som. É o principal meio pelo qual as emissoras firmam suas identidades audiovisuais. Utilizamos o plural “identidades” porque esse conceito, que se busca estabelecer por meio do *design*, não se restringe apenas à rede televisiva, com a criação de um logotipo/marca [...]. (Schiavoni, 2008, p. 09)

⁵ Âncora: Apresentador de telejornal. Emite comentários e/ou faz análise dos assuntos abordados nas reportagens. Também pode ser o editor-chefe. (Bistane e Bacellar, 2014, p. 131)

⁶ Maria Júlia Coutinho: é uma jornalista da TV Globo que ficou conhecida pelo público como ‘Maju’, após o apresentador do "Jornal Nacional" William Bonner revelar o seu apelido ao vivo no telejornal. (PURE PEOPLE, acesso em 2016)

No quadro da previsão do tempo do JN, a jornalista também conta com auxílio de mapas e de imagens de satélites que dão acesso a todas as cidades do Brasil e do Mundo. Conforme Pereira (2015), neste novo formato os apresentadores conversam com Maju através de um telão, que dá a ideia de que ela está do lado do âncora. A tecnologia teve papel fundamental na mudança do quadro da Previsão do Tempo.

Para a análise desta pesquisa, foi escolhido o quadro da previsão do tempo do Jornal Nacional, que foi exibido no dia 07 de julho de 2015. O mesmo se enquadra nas mudanças de cenário e linguagem, ocorridas no JN nos últimos anos. A metodologia escolhida para a análise é o Modo de Endereçamento de Itania Gomes (2011), que imbrica nos operadores de análise *mediador* e *contexto comunicativo*.

Conforme a autora, os operadores de análise foram então definidos como:

- a) O *mediador*. São programas jornalísticos televisivos, apresentados por âncoras, comentaristas, correspondentes e repórteres. O apresentador é tido como a figura central, é ele que constrói a ligação entre o telespectador. Para Gomes (2011), é fundamental analisar quem são os apresentadores para entender o que são os modos de endereçamento.
- b) O *contexto comunicativo*. Refere-se ao contexto em que o processo comunicativo se dá. Contexto esse que compreende o emissor, o receptor e demais as circunstâncias espaciais e temporais.
- c) O *pacto sobre o papel do jornalismo*. Trata sobre a relação entre programa e telespectador. É um pacto que conta com uma série de acordos sobre o papel do jornalismo na sociedade que dirá ao telespectador o que deve esperar ver no programa.

Ambos operadores foram escolhidos em função dos objetivos da pesquisa, que visam analisar a evolução do quadro, os elementos da linguagem audiovisual e verbal, o cenário e os recursos técnicos, onde incluem-se os mediadores.

Jornal Nacional - 07 de julho de 2015 (ANEXO I)



Figura 1 – Maria Júlia Coutinho na apresentação do quadro da previsão do tempo no Jornal Nacional, 07 de julho de 2015. (Fonte: Globo Play)

Em 2015, após a mudança ocorrida no Jornal Nacional, conforme citado anteriormente, a previsão do tempo consequentemente também passou por reformulações. A partir desta mudança, não entra mais vinheta anunciando que a previsão vai começar. O apresentador do JN, neste caso, Willian Bonner, é quem se levanta da bancada e vai em direção ao telão. Neste percurso ele anuncia que a previsão vai começar. No dia escolhido para a análise do quadro Bonner fala: “agora é hora da previsão do tempo e eu vou ali conversar com a Maria Júlia Coutinho”. A linguagem utilizada pelo apresentador soa como se Maria Júlia estivesse perto do estúdio, porém, ela entra ao vivo direto de São Paulo. Graças à moderna tecnologia usada no jornal, o telão gigantesco em que a jornalista aparece traz a sensação de que ela realmente esta presente de corpo no estúdio do JN. Maria Julia conversa com Bonner, que ainda faz uma brincadeira:

Bonner: “Eu vou tirar uma dúvida de natureza técnico-geriátrico. Maju, boa noite!”.

Maju: “Nossa! Boa noite”.

Bonner: “Posso fazer minha pergunta? ‘Cê’ sabe, o tio tá ficando velhinho, a memória vai piorando, mas eu juro pra você, quando eu morava em São Paulo, era criança, região sudeste. No inverno era estação seca, Maju. Que que tá acontecendo?”.

Maju: “Pois é. Você adivinhou meu tema de hoje, Bonner! Vou explicar, vou explicar, mas me deixa só falar um negócio antes. Boa noite pra você, pra Renata, pra todos. Agora Bonner, já tem chuva olha, no interior do Rio Grande do Sul, em Florianópolis, Curitiba, Salvador, Recife, Porto Velho e São Paulo. É isso que ‘cê’ falou mesmo, a capital paulista está vivendo um período atípico [...]”.

Após Maria Júlia repassar todas as informações, Bonner ainda brinca:

“Maju, obrigado pela previsão do tempo pra amanhã e também por tirar do meu ombro esse temor de que minha memória estava me traindo”.

Maju: “Não, você tá bem, tá bem. Tá ‘veinho’ não. Tchau!”.

Bonner: “Até amanhã”.

Podemos observar de que não há preocupação por parte dos jornalistas em manter uma linguagem técnica, isso fica evidente no momento em que Bonner chama Maria Júlia, ele mesmo se utiliza como exemplo para fazer uma pergunta sobre a situação do tempo em São Paulo: “‘Cê’ sabe, o tio tá ficando velhinho, a memória vai piorando, mas eu juro pra você, quando eu morava em São Paulo, era criança, região sudeste”. Maciel (1995) explica que diante do telespectador, o jornalista tende a se comportar como se estivesse contando a notícia para um amigo, ou parente.

Podemos notar também que ao citar o exemplo do *tio*, Bonner busca uma identificação com o telespectador, humanizando a linguagem. Também nota-se linguagem mais descontraída é predominante. Utilizam o ‘cê’ ao invés de você. Ao final da apresentação da previsão, Bonner agradece Maria Júlia e, mais uma vez, brinca dizendo: “Maju, obrigado pela previsão do tempo pra amanhã e *também por tirar do meu ombro esse temor de que minha memória estava me traindo.*” Maria Júlia entra na brincadeira e responde: “*Não, você tá bem, tá bem. Tá ‘veinho’ não. Tchau!*”. A conversa tem uma conotação mais solta, leve e descontraída, porém não perde o foco, que é o de informar a previsão do tempo. Ao contrário dos outros anos, nesta nova edição a previsão teve uma duração de tempo muito maior. Neste dia durou 3min30seg, incluindo a interação de Bonner com Maju, um tempo bem maior do que era de costume para o quadro da previsão, que era de pouco mais de 1 minuto. Essa interatividade é perceptível e comprovada na pesquisa citada anteriormente, que mostra que depois da nova reformulação, o JN dedica em torno de 17min, dos 53min de duração do jornal, para a interação entre âncoras e repórteres.

Na reformulação do JN, Bonner, que anteriormente não tinha participação direta na previsão do tempo, passou a ter o papel de mediador com as mudanças promovidas. Como citado anteriormente, ele é quem anuncia que a previsão vai começar, levantando-se da bancada e indo em direção ao telão onde Maju está. Esta mudança passa a ser uma forma de chamar a atenção do telespectador para a previsão e valorizar o quadro no programa. O fato de ele ir até a janela da previsão, também é uma forma de

mostrar a importância do quadro. Ou seja, ele se levanta para prestar atenção e conversar com a jornalista, tirando dúvidas etc. Além disso, Maju também faz referência à outra âncora que está na bancada. É a previsão do tempo saindo dos laboratórios de pesquisa e chegando à sala do telespectador mais detalhada, clara e informatizada. A corrida para divulgar primeiro as informações, trouxe em discussão que notícias fossem informadas cada vez mais completas e com qualificação, o que remete ao Jornalismo Especializado, que para Bueno (2015), conforme visto anteriormente, é a parte em que se consolidam os conteúdos, onde se extrai da parte técnica e se leva para a coloquialidade da linguagem jornalística.

Contudo, a figura do mediador carrega um peso importante na apresentação da notícia. Maciel (1995) afirma que diante do telespectador, os jornalistas devem se comportar como se estivessem contando a informação para alguém próximo, um amigo ou parente. Em 2015, quando a jornalista Maria Júlia Coutinho passou a apresentar a previsão do tempo no Jornal Nacional, houve uma grande repercussão referente à figura que ela passou a representar no telejornalismo. Tudo isso fruto justamente destas mudanças no telejornalismo da TV Globo, que humanizaram a previsão do tempo. Apesar de Maju estar no centro do país, divulgando a previsão diretamente de São Paulo, ela busca uma aproximação com os telespectadores, independentemente da região. Isso fica evidente quando se utiliza da coloquialidade e de expressões, como: “E aqui na região sul é uma chuva daquelas, viu! Com raios e rajadas de vento. Pra vocês terem uma ideia do que eu tô falando gente, olha só a quantidade de nuvens sobre essas áreas onde pode chover [...]”.

Quanto à linguagem, Rezende (2000) observa que é de fundamental importância a identificação do perfil do público que acompanha o noticiário, todavia que este detalhe vai interferir consideravelmente na forma de comunicação que o jornalista vai utilizar para expressar-se, com o objetivo de obter maior eficácia na transmissão da informação.

No contexto dos Operadores de Análise dos Modos de Endereçamento (2011), assim como por mediadores entende-se os profissionais, em geral jornalistas, que atuam no programa, o contexto comunicativo envolve o emissor, o telespectador e as circunstâncias espaciais e temporais em que o processo comunicativo ocorre, ou seja, os recursos técnicos, cenários e plástica do programa.

Nos últimos anos a evolução tecnológica esteve presente no jornalismo, em especial na previsão do tempo. Podemos perceber que nos quadros analisados, isso se

intensificou claramente, como por exemplo, nos mapas onde são identificadas as regiões passaram a ser mais completos, mais detalhados. Figuras em 3D, uso da computação gráfica, são elementos que fazem parte dessa evolução, que chama atenção para a linguagem também. Além da previsão do tempo, são divulgadas outras informações referentes ao clima e tempo. Conjuntamente a isso, os recursos técnicos passaram a ter um papel extremamente importante para divulgação das notícias.

Conforme visto anteriormente, dessa forma é que o jornalismo de serviço se faz presente na televisão devido ao fato de estarmos vivendo em uma sociedade da informação e consumo. As pessoas buscam informações atualizadas a todo o momento. Para Ana Carolina Temer (2003), o jornalismo de serviço divulga informações que tornem o dia do público, que sejam relevantes. Nisso, se tornou necessário aprofundar as informações, torna-las atraentes ao público, fazendo com que o mesmo entendesse do que está sendo falado. De acordo com Squirra (1993), hoje em dia os recursos tecnológicos a serviço do jornalismo possibilitam que o acontecimento seja contado logo depois de sua execução e que mostrem também toda a dimensão do ocorrido. Quanto a isso, podemos destacar que a previsão do tempo de 2015, foi muito mais além do se costuma ir nos quadros anteriores. Em 2011 eram divulgadas apenas as informações básicas, referentes à situação do clima e do tempo do dia seguinte. Não se tinha uma explicação aprofundada do por que determinada região enfrentava dias de chuva, por exemplo. No quadro de 2013 há uma leve mudança em relação ao ano de 2011, mais precisamente na própria questão de informações e quanto ao cenário. Uma linguagem diferente, exigiu que o cenário fosse modificado. Em 2015, ano das grandes mudanças no JN, como citado anteriormente, acrescentou ao jornal uma previsão com apresentação ao vivo. Continua-se, porém, a presença dos mapas em 3D, mas desta vez, muito mais avançado e explicativo, acompanhando o texto da apresentadora, que ao mesmo tempo pode conversar com Bonner, através de um telão, ao vivo.

Mas essa mudança no cenário pode ser atribuída também a outros aspectos. Moreira *apud* Verón e Carlón (2016), em assunto tratado em tópico anterior aponta que na América Latina existe uma crise da programação, devido ao fato de que as pessoas já não precisam assistir ao programa no momento em que será exibido, pois posteriormente ele estará disponível em outro meio eletrônico, onde os telespectadores poderão assisti-lo em qualquer lugar e horário.

Considerações Finais

Tendo em vista o que foi analisado no presente estudo, pode-se concluir que as mudanças ocorridas no quadro da previsão do tempo se caracterizam por serem de natureza de um jornalismo que ganha cada vez mais espaço: o jornalismo especializado, que se enquadra no gênero utilitário.

O estudo permitiu constatar que com as mudanças registradas no quadro, é possível transformar o que era considerado um mero serviço com mapas e dados, em um assunto interessante, que chama atenção do telespectador, graças ao uso de uma linguagem mais coloquial, a interatividade dos mediadores e aos recursos técnicos que permitem que a previsão chegue até a sala do telespectador, de uma maneira mais espontânea, interativa e com mais conteúdo que de fato chame a atenção do público que assiste. Aquele jornalismo tradicional está sendo deixado de lado, para dar chance a um formato que se comunique mais diretamente com o público. A solução encontrada pelo programa foi de introduzir, principalmente, uma linguagem coloquial, que fosse mais leve e fácil entendimento pelos telespectadores, visto que eles são de várias faixas etárias e classes sociais. A mudança ocorrida no jornal também pode ser atribuída à internet, devido a grande quantidade de informações disponíveis, bem como a facilidade com que se pode conseguir as informações.

O estudo foi uma contribuição inicial para pesquisas mais avançadas referentes à meteorologia no telejornalismo, pois não é possível afirmar como será a evolução futura desta parte do jornalismo. O estudo ao mesmo tempo contribuiu para o enriquecimento acadêmico, em especial, no telejornalismo, no sentido de compreender as modificações do meio e desta nova face em que o jornalismo está sendo inserido.

Referências Bibliográficas

- BONNER, William. *Jornal Nacional Modo de Fazer*. 1 ed. São Paulo: Globo S.A. 2009.
- CURADO, Olga. *A notícia na TV: O dia-a-dia de quem faz telejornalismo*. São Paulo: Alegro. 2002.
- MACHADO, Arlindo. *A televisão levada a sério*. 2 ed. São Paulo: Senac São Paulo. 2000.

- MACIEL, Pedro. *Jornalismo de televisão*. 1 ed. Porto Alegre: Sagra: DC Luzzatto. 1995.
- MELO, José Marques de. *A opinião no jornalismo brasileiro*. 2 ed. Petrópolis: Vozes. 1994.
- REZENDE, Guilherme Jorge de. *Telejornalismo no Brasil: Um Perfil Editorial*. São Paulo: Summus Editorial LTDA. 2000.
- SOUZA, José Carlos Aronchi de. *Gêneros e formatos na televisão brasileira*. São Paulo: Summus Editorial. 2004.
- SQUIRRA, Sebastião. *Aprender telejornalismo: produção técnica*. 2 ed. São Paulo: Brasiliense S.A. 1993.
- MORAIS, A., & REIS, H. (2010). *A meteorologia no telejornalismo contemporâneo: Um estudo de caso do programa "Jornal Hoje"*. Acesso em 15 de setembro de 2016, disponível em Portal Intercom: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-0527-1.pdf>
- PEREIRA, Ingrid Borges Duarte. *Jornal Nacional: a nova cara do telejornalismo da Globo*. Brasília, Distrito Federal. 2015.

Obras Citadas

- GOMES, IMM., org. (2011). *Gênero televisivo e modos de endereçamento no telejornalismo [online]*. Acesso em 02 de outubro de 2016, disponível em <http://static.scielo.org/scielobooks/9wgn/pdf/gomes-9788523211998.pdf>
- MORAIS, A., & REIS, H. (2010). *A meteorologia no telejornalismo contemporâneo: Um estudo de caso do programa "Jornal Hoje"*. Acesso em 15 de setembro de 2016, disponível em Portal Intercom: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-0527-1.pdf>
- ZUZA, E. d., & JESUS, A. (2009). *No ar a meteorologia além da previsão do tempo: um breve histórico das notícias climáticas no telejornalismo e perspectivas com a TV digital no Brasil*. Acesso em 06 de outubro de 2016, disponível em <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/7o-encontro-2009-1/No%20ar%20a%20meteorologia%20alem%20da%20previsao%20do%20tempo.pdf>

Jornalismo especializado no Brasil: teoria, prática e ensino.Org. SANTOS, Marli dos. BUENO, Wilson da Costa. São Bernardo do Campo : Universidade Metodista de São Paulo, 2015.

ANEXOS

ANEXO I– Link previsão do tempo exibida no Jornal Nacional em 7 de julho de 2015: <https://globoplay.globo.com/v/4305953/>